

Terapia Ocupacional: um Olhar Fenomenológico Existencial

Occupational Therapy: na Existential Phenomenological View

Yvana Coutinho de Oliveira ¹

Resumo

Este estudo é um relato de experiência terapêutica ocupacional onde discorreremos sobre os processos de subjetivação do Homem Moderno, utilizando um referencial filosófico-fenomenológico. O método de investigação é de base qualitativa. Através do estudo de caso clínico pudemos demonstrar satisfatoriamente a aplicação de alguns construtos da fenomenologia com a prática profissional da Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: Terapia ocupacional; fenomenologia; processos de subjetivação.

Abstract

This work is an occupational therapeutic experience, where we will discuss about modern man subjectivity process, based on a philosophic-phenomenological reference. The investigation method has a qualitative base. Through clinic case study, we could demonstrate satisfactorily the application of some concepts of phenomenology in our occupational therapy practice.

Keywords: Occupational therapy; phenomenology; subjective process.

Os homens, em geral, formam as suas opiniões, guiando-se antes pela vista do que pelo tato; pois todos sabem ver, mas poucos, sentir. Cada qual vê o que parecemos ser; poucos sentem o que realmente somos.

Maquiavel

É só quando estamos livres da necessidade do parecer ou de nos fazer confirmar pela satisfação das expectativas do outro a nosso respeito, que podemos ser...

Martin Buber

Introdução

Vivemos um tempo de ruptura de paradigmas (político, econômico, religioso, social e familiar) que está afetando intensamente a construção das identidades individuais e coletivas, resultando no surgimento de diversos sintomas tanto no plano pessoal, como no âmbito social.

Sabemos, no entanto, que o ser humano constitui-se e está inserido em um plano ético e moral, plano ético este

construído histórico e culturalmente, que irá formando diferentes tipos de subjetividades ao longo da História.

Neste trabalho, discorreremos sobre processos de subjetivação do homem moderno, utilizando ousadamente um referencial filosófico-fenomenológico. Ao final, descreveremos um caso clínico, de modo que possamos ilustrar a aplicação de alguns construtos da fenomenologia com a prática profissional da Terapia Ocupacional.

Esperamos, neste sentido, demonstrar que com a abordagem fenomenológica, podemos obter um sentido, dar um significado para as experiências vividas, já que esta ciência apresenta-se como uma das mais eficazes na busca e compreensão da essência do ser.

O Homem e a Constituição da Subjetividade

Ao tentarmos focar a visão de Homem, temos que conceituar o *vir-a-ser-sujeito*, o que nos obriga a falar de processos de subjetivação. No entanto, para falar deste tema, entendamos primeiramente a noção de subjetividade como diretamente relacionada com o campo da ética. O termo diz respeito a uma relação do sujeito consigo mesmo, a uma elaboração de si mesmo, um espaço interior, que através de um campo de experiência concretizar-se-á como o sentido da existência.

Segundo NETO (1995), subjetividade vem do latim *subjectu*, que significa *aquilo que subjaz, que jaz no fundo*,

¹ Terapeuta Ocupacional e Pedagoga. Especialista em Psicologia e Psiquiatria Clínica da Adolescência pela UNICAMP/SP. Mestre em Psicologia e Subjetividade pela UNIFOR. Professora Adjunta da UNIFOR.
e-mail: yvana@unifor.br

significando *fundamento*. Para FIGUEIREDO (1995), que remete à noção nietzschiana, é uma espécie de envergadura interior, de vazio, capaz de acolher, dar abrigo e morada às experiências de vida: percepções, pensamentos, fantasias e sentimentos. É este acontecimento *vivido* e, naturalmente, *sentido*, que vai dar singularidade e individualidade aos sujeitos, caracterizando a dimensão ética da existência humana.

FIGUEIREDO (1995) relata ainda que:

sem esse espaço psíquico, as experiências humanas não podem encontrar território, lugar de expressão, registro, tendo de ser projetadas alhures, negadas, ou permanecendo como espectros, incapazes de assumir forma definida. Somente as experiências capazes de encontrar abrigo e acolhimento nesse espaço interior, conseguem ser elaboradas, transmutando-se em proveito da expansão vital.

Isto reflete uma capacidade de adequada elaboração dos afetos, ou seja, as diferentes expressões de como somos afetados pelo mundo, culminando com a aprendizagem de tolerar vida e morte, integrar prazer e desprazer, vivenciar gozo e sofrimento. Este processo psíquico de elaboração é o fundamento de qualquer vida psíquica saudável, e a sua falha resultaria em sintomas no indivíduo (neuroses, perversões e psicoses).

Por sua vez, o termo ética parece sempre implicar na consideração de princípios, valores, normas de ação e ideais, atentando para sua conveniência e legitimidade. Reflete um comprometimento do próprio sujeito implicado na conduta ética, ao mesmo tempo que sistematiza e justifica racionalmente um determinado código ou padrão de conduta, estabelece critérios e normas de valores, determina uma postura a ser ensinada e exigida dos sujeitos (FIGUEIREDO, 1995).

Contudo, não há um padrão universal e uniforme de ética. Existem vários tipos de *ethos* (que no sentido etimológico do termo, refere-se a espaço de recolhimento interior, casa, morada), influenciando nos aspectos da conduta, nas formas de impor e exigir obediência dos sujeitos e na punição de eventuais transgressões. Assim sendo, variam também os modos de sujeição dos indivíduos aos ditames morais e, conseqüentemente, a forma e a intensidade dos esforços de auto-transformação dos homens no caminho ético exigido.

As éticas não só refletem diferenças nos modos de subjetivação, mas participam da constituição das subjetividades. Elas sujeitam os indivíduos, ensinam, orientam, modelam, exigem a conversão dos homens em sujeitos morais historicamente determinados.

O Homem Moderno e a Visão Fenomenológica

Pensemos, agora, no Homem Moderno: fragilizado na sua condição de existência humana; desenraizado culturalmente;

destituído, na maior parte das vezes, de vínculos familiares e figuras parentais fortes e continentas; violento nas suas relações com seus semelhantes; transgressor em relação à moral e à ética vigentes; miserável em sua condição psicossocial; animalesco e instintivo nas questões sexuais; patologizado em seus aspectos anátomo-fisiológicos; alienado e limitado em relação aos conhecimentos e saberes universais; dogmático ou ascético na fé; carente de afeto e inquietante na busca de prazer; desejante de algo mais, e ainda incompleto, finito e mortal em sua continuidade de ser.

Poderíamos apontar vários fatos manifestados na atualidade que comprovam o enunciado acima referido: homicídios e infanticídios; perversões e agressões sexuais; índices elevados de morbidade e mortalidade em decorrência de doenças, geralmente de causas sociais e, portanto, possíveis de prevenção; analfabetismo, desemprego, miséria e marginalidade sociais; corrupções políticas; atitudes de misticismo fervoroso na busca de soluções para a angústia da finitude da vida, ou mesmo, ateísmo com características niilistas; lutas, rebeliões e movimentos reivindicatórios, que nada mais são do que identificações projetivas dos conflitos egóicos em relação ao mundo externo.

Mas, perguntamo-nos se serão estes os modos de subjetivação encontrados pelo Homem Moderno para lidar com as suas questões existenciais ?

Pelo menos, é esta a visão de Homem que nos é dada pelo senso-comum. É esta a relação noético-noemática de conceber o indivíduo nesta transição de século XX e XXI.

Através de uma atitude fenomenológica, tentaremos não explicar, mas sim, compreender o sentido dos atos humanos, chegando a intuir a sua essência, já que a tarefa efetiva da fenomenologia seria *analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo* (DARTIGUES, 1992).

O acesso a essa dimensão primordial só é possível quando suspende-se a crença na realidade do mundo exterior para constituir-se uma consciência transcendental. Neste caso, a consciência já não é uma parte do mundo, mas o lugar de seu desdobramento no campo original da intencionalidade. O mundo não é o que explicam as filosofias especulativas e as ciências da natureza, mas o que primeiramente aparece à consciência e a ela se dá em evidência irrecusável de sua vivência. O mundo não é, pois, senão aquilo que é para a consciência. E neste sentido, para Husserl, citado por DARTIGUES (1992), o mundo, na atitude fenomenológica, *não é uma existência, mas um simples fenômeno. Só tem sentido em sua manifestação como vivência*.

Quando lidamos com seres humanos em nossa prática profissional (quer seja a Terapia Ocupacional ou qualquer outra), devemos não perder de vista o ser fundamental,

realizando uma redução eidética para se chegar ao conhecimento puro, ou seja, à essência. Pensamos que isso é possível, na medida em que acolhemos e respeitamos a alteridade no/do outro, situando-o em seu espaço de vida, grupo social ou ambiente. Somente assim, poderemos perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido, compreendendo a intencionalidade e o caráter significante e subjetivo das ações humanas.

Neste ponto, construímos uma ciência diferente das ciências naturais, que objetivam o físico, tratam dos corpos e excluem a subjetividade e criamos uma ciência da vida. A descrição das aparências ou dos sintomas por si só não é suficiente. Interessa-nos mais a experiência, o significado da vivência, a análise do significante para a compreensão do sujeito.

AMATUZZI (1996) refere que quando se trabalha com material expressivo da experiência humana três níveis de análise são possíveis: a análise do expresso, do intencional e do inconsciente. Com relação à linguagem: o expresso é aquilo que é efetivamente dito, o intencional é o que se quer dizer ou a intenção de dizer, e o inconsciente é o que se esconde no ato de dizer, o que se oculta. Com relação ao comportamento: o expresso é o que se faz ou o ato efetivo, o intencional é o que se pretende com o ato, e o inconsciente o que se oculta com esse ato. Se também atentarmos para os produtos culturais: o expresso é a própria obra, o intencional é o mundo que ela cria, e o inconsciente é o que ela oculta.

A pesquisa fenomenológica privilegia, é claro, o enfoque intencional ou o vivido, isto é, os significados sentidos, e com os quais poderemos entrar em contato pela mediação do expresso.

A Experiência Fenomenológica na Prática Terapêutica Ocupacional

Descreveremos um caso clínico que atendemos em acompanhamento terapêutico ocupacional no Ambulatório de Psiquiatria e Psicologia Clínica do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A abordagem fenomenológica permitirá chegar à compreensão do fenômeno que, neste caso, constituía-se em sintomas de ordem psicopatológica.

Para preservar a identidade da paciente, referiremo-nos a ela pelo nome fictício de Laura.

Laura é uma jovem de dezoito anos que nos foi encaminhada para atendimento terapêutico ocupacional, após ter saído recentemente de uma hospitalização psiquiátrica.

Segundo a família e seu médico assistente, a jovem estava saindo de um surto psicótico no qual apresentava humor deprimido, conduta bizarra, falava coisas sem nexos, ouvia vozes, chorava fácil, às vezes, agitava-se e quebrava objetos,

sendo bastante agressiva com seus familiares. Apresentava comportamento regredido: brincava de casinha, falava uma linguagem com entonação infantil e pueril, além de conversar muito com um travesseiro, como se este fosse um bebê.

Com este comportamento regressivo, Laura foi aceita para o atendimento e iniciamos o acompanhamento acima citado.

Enfatizamos a palavra “aceita”, porque a relação terapêutica vai se estabelecer considerando o sujeito em toda a sua singularidade, com a sua história e a sua experiência vivida.

Laura pertencia a uma família de classe média, com uma disciplina rígida e educação conservadora na criação dos filhos. O genitor, figura autoritária e extremamente castradora; a mãe, submissa, assumia visivelmente a condição de inferioridade destinada às mulheres nessa família.

A jovem era a caçula de uma prole de três irmãos do sexo masculino. Aos dezessete anos, não lhe era permitido passear, ter amigos, namorar, sendo vigiada e controlada constantemente por seu pai e irmãos.

Por esta época inicia um relacionamento afetivo com um rapaz que freqüentava sua casa, casando-se poucos meses depois. A união conjugal não foi satisfatória, pois o marido bebia e a agredia fisicamente. Laura engravida e, logo depois, sofre um aborto espontâneo, o que resultou no surgimento dos sintomas.

Pela história de vida de Laura, pudemos compreender um pouco do seu sofrimento e entender a sua maneira de expressá-lo. Ao reduzir fenomenologicamente os seus sintomas, vamos chegar a intuir a sua essência e ela, sentindo-se compreendida em sua existência, vai, aos poucos, deixando transparecer um lado saudável e preservado de sua personalidade, ao mesmo tempo que se apropria da sua experiência e elabora seu sofrimento.

Vale dizer que o trabalho do terapeuta ocupacional, além da intervenção verbal, utiliza-se de elementos projetivos através de desenhos, pinturas, modelagens, colagens, ou outras formas de comunicação, como o *brincar*, que se constituem como a mais autêntica linguagem, na medida em que atitudes, sentimentos e emoções mostradas na ação ou construção de algo, são menos passíveis de vir sob a defesa de mecanismos intelectuais mais concretos.

Laura, nesta trajetória auto-expressiva, vai articulando o seu discurso, compreendendo a sua história, configurando uma nova existência. Pudemos perceber como os seus desenhos e colagens mostram, claramente, a sua dificuldade em elaborar a perda do bebê que esperava e a maneira como defende-se da angústia que isso lhe causa, atuando como criança ou negando a própria morte do bebê quando conversa com o travesseiro.

Os sintomas psicopatológicos da paciente são uma clara manifestação de fuga e não aceitação da sua condição de existência negada e depreciada pela família.

Interessante que a doença mental torna-se a forma de comunicação utilizada por Laura e sua genitora, pois esta também sofre de graves depressões, vivendo constantemente sob intervenção farmacoterápica e já tendo se submetido, como a filha, à internação psiquiátrica.

Neste caso, as intervenções terapêuticas utilizadas durante o tratamento de Laura (basicamente as refletoras de vivências emocionais, auto-expressivas, de analogias e de comportamento não-verbal), auxiliaram-na a obter um *insight* sobre os seus sintomas, levando-a a expressar verbalmente que: "...brincava porque não queria enfrentar seus problemas".

Após um ano de tratamento, Laura não apresentava mais alterações significativas em sua conduta: retornou aos estudos, começou a trabalhar, fez novas amizades, decidiu e enfrentou amadurecida a separação matrimonial.

Considerações Finais

No caso relatado, se não tivéssemos realizado uma análise fenomenológica, Laura certamente seria enquadrada em conceitos da semiologia psicopatológica e referendada, apenas, como paciente psiquiátrica, doente mental, louca.

Para a fenomenologia, todo comportamento, verbal ou não-verbal, mesmo que seja desprovido de sentido (como o que ocorre em atitudes neuróticas ou psicóticas), dissimula um sentido mais profundo, leva à intuição do sentido humano do fenômeno estudado. Trata-se de uma apreensão através das noções que designam os sintomas e do sistema que essas noções constituem, da vivência que estas indicam.

Muitas vezes, os sintomas são constituídos pelas atitudes das pessoas que cercam o doente (família, sociedade), por isso, é fundamental a dimensão do *ser homem* ou *estar no mundo*, pela qual é definido o existente humano, que se encontra perturbado pela doença.

Um fenômeno patológico permanece um fenômeno humano e, portanto, compreensível. Comporta sempre uma dimensão vivida, o que nos remete, pois, a uma fenomenologia da existência humana ou fenomenologia da temporalidade do homem.

Deste modo, concluímos este trabalho com a certeza de que o método fenomenológico resgata o sentido e dá significado aos atos humanos, configurando a *afirmação do vivido*, a experiência do sujeito com toda a singularidade da sua existência.

O papel do terapeuta ocupacional é captar a essência, e através de uma escuta terapêutica, decifrar o verdadeiro sentido da *fala autêntica*, penetrando no mundo do outro, sem perder de vista o seu próprio papel, abstendo-se de seus valores no momento dessa captação.

Decodificar o discurso de Laura, portanto, proporcionou-lhe a compreensão e elaboração dos seus conflitos, permitindo-lhe um auto-conhecimento e, quem sabe, a partir de então, um manejo mais adequado das experiências de vida.

Referências

- AMATUZZI, M. M. *O resgate da fala autêntica*. Campinas: Papyrus, 1989.
- DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* 3. ed. São Paulo: Moraes, 1992.
- ERTHAL, T. C. S. *Treinamento em psicoterapia vivencial*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FIGUEIREDO, L. C. M. *Revisitando as psicologias*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HUSSERL, E. *A filosofia como ciência de rigor*. Coimbra: [s.n.], 1952.